

editorial

LISBOA TRATA-NOS MAL. E GOSTAMOS...

As peripécias à volta da substituição dos cabos submarinos que ligam os Açores ao mundo e as ilhas entre si dão boa conta do tratamento colonial que Lisboa dispensa às ilhas. Desde logo porque sendo coisas das ilhas, foi um deixar andar, chegando-se ao ponto de não ser possível garantir qualidade mínima aos cabos ainda em funcionamento no tempo de ativação dos próximos. Agora sabe-se que, afinal, as ligações entre as ilhas ficarão para depois, o que significa que ficaremos servidos por um cabo velho no sistema regional - e será um pouco como aquela velha história "Todos ao molho e fé em Deus!"

Este processo nunca deveria ter sido conduzido como foi. O assunto pode ser estratégico para Portugal, mas é sobretudo estratégico para os Açores. As partes deveriam ter-se entendido desde o início e em tudo - nos prazos ótimos, na substituição, nos equipamentos a utilizar, etc. Lisboa vem agora acenar com funcionalidades "marcianas", mas a verdade é que queremos coisas tão simples como cabos novos, com grande capacidade e em tempo útil. E isso não está garantido. É mais do mesmo na relação colonial de Lisboa com os Açores.

Esta é uma história velha que não vamos aqui recordar. Mas poderíamos recuar ao tempo das armadas à vela que não garantiam a segurança aos povos lançados e abandonados

nas ilhas, que se viam obrigados a celebrar acordos de sobrevivência com piratas e corsários, que, aliás, incluíam acordos comerciais e outros. Uma autêntica "festa" da soberania... Saltando no tempo, Lisboa corta-nos todas as hipóteses de realizarmos riqueza com o nosso espaço geoestratégico - por via militar, civil ou outra - e agora que o mar se projeta como uma alavanca essencial do futuro, então Lisboa trata de proibir aos açorianos o usufruto dessas riquezas que existem nesse vasto oceano. E o mar é quase todo nosso, refira-se de passagem. (Leia-se o trabalho de ontem, no DI, a propósito de um texto do Catedrático de História da Universidade dos Açores Avelino Meneses.) É verdade que há erros nossos em todo o processo. Falta de afirmação da Autonomia. Esse é o erro fundamental. É preciso perceber que Portugal é um Estado profundamente centralista e que a Autonomia é entendida em Lisboa como uma cédência num tempo de Estado fraco que se destina a ser revertida. Foi o papão da independência que nos trouxe a Autonomia, note-se. Não vamos inventar novos papões. Mas enquanto Lisboa não entender que somos capazes de lutar pelo nosso futuro como uma sociedade de destino, continuaremos a ser amesquinados. E será cada vez pior, como prova a História recente. ❏

FERNANDO MARTA [10]

Em defesa de Sofia Ribeiro

"Sofia tem sabido crescer politicamente..."

ÁLVARO DÂMASO [11]

As famílias, o estado e as empresas

"É necessário ponderar bem... a situação das famílias..."

JOSÉ COUTO [14]

O Estado da Luta Climática

"Criou-se um buraco negro que impede a conclusão da revolução verde."

PAULO GOMES [15]

Uma agricultura com futuro

"Os agricultores enfrentam hoje fortes desafios."

FAUSTO PINTO, CANDIDATO À ORDEM DOS MÉDICOS

Há espaços subaproveitados nos blocos operatórios

Candidato à Ordem dos Médicos de visita aos Açores, Fausto Pinto, cardiologista e professor universitário, alerta para os espaços desaproveitados nos hospitais dos Açores, especialmente em cirurgia e adverte que "a telemedicina não deve servir para substituir o trabalho médico". É "absolutamente contra" a eutanásia.

O QUE O LEVA A CANDIDATAR-SE À LIDERANÇA DA ORDEM DOS MÉDICOS (OM) E QUAIS AS PRINCIPAIS PROPOSTAS DA SUA CANDIDATURA, EM ESPECIAL AQUELAS QUE ENTENDE DISTINGUIREM O SEU PROJETO DOS RESTANTES QUE VÃO A VOTOS?

A minha candidatura a Bastonário da Ordem dos Médicos visa o reforço do prestígio da classe médica, ao serviço da população portuguesa, num momento muito difícil para o País e o Mundo. Trago comigo toda a experiência acumulada ao longo dos anos, na liderança de várias instituições e organizações nacionais e internacionais, transportando assim um espírito de excelência e rigor, com provas dadas e resultados

auditáveis, que seguramente contribuirão para o reforço do prestígio inerente a uma Ordem dos Médicos. Tenho a experiência acumulada ao longo de 38 anos de exercício médico, incluindo, desde 2014, a Direção do Departamento de Coração e Vasos do Centro Hospitalar Universitário Lisboa Norte, um dos maiores departamentos cardiovasculares do SNS. Fui ainda Diretor da maior escola médica, a Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa, de 2015 a 2022, bem como tenho exercido um conjunto vasto de cargos internacionais de grande prestígio, tais como o de atual Presidente da Federação Mundial do Coração, a World Heart Federation,



FAUSTO PINTO "O Bastonário tem de ter uma postura independente do poder político"

até final de 2022 e ter sido também Presidente da European Society of Cardiology.

Tendo sempre por fundo a minha Imparcialidade e independência, terei como missão essencial consolidar o prestígio da classe médica, através de uma Ordem de Rigor e Exigência, mais respeitada, mais prestigiada e mais inclusiva. O Bastonário tem de ter uma postura independente do poder político, mas, ao mesmo tempo, ter a capacidade e abertura para poder dialogar com qualquer governo, devendo assumir uma posição politicamente neutra, tendo como orientação principal o melhor interesse da saúde da população.

Pontos essenciais da minha candidatura a Bastonário:

→ A Ordem dos Médicos tem o dever de contribuir para a concretização de um Sistema de Saúde inclusivo nos seus vários componentes (Público, Privado e Social), sendo, ao mesmo tempo, a referência e o garante da prática duma medicina avançada, moderna, ao serviço da população.

→ Promover uma OM desburocratizada, voltada para fora, ao serviço dos cidadãos, que permita ultrapassar a imagem de corporativismo, que vem sempre associada à OM, sobretudo por parte de quem disso pode beneficiar, procurando fragilizar a mesma, logo a classe médica e consequentemente, a saúde das populações.

→ Impulsionar uma maior interação e ligação da OM às Universidades/Academias/Sociedades Científicas, reforçando a intervenção da OM na formação médica, desde o ensino pré ao pós-graduado, no sentido de reforçar o seu papel na procura de sistemas de formação e educação médica continuadas, modernas e de acordo com as exigências atuais. Implementação de ações concretas, no plano da cooperação e articulação institucionais, nomeadamente no que respeita à partilha de instrumentos formativos que possam ser otimizados ao serviço dos Médicos. Reforço dos apoios à formação, sobretudo dos jovens médicos.

→ Criar as condições necessárias para garantir maior equidade na Saúde, nas suas mais variadas vertentes, incluindo uma maior participação dos jovens médicos. É clara a necessidade urgente do fortalecimento sustentado do sistema de saúde, bem como uma reestruturação do mesmo, com uma visão de futuro, alicerçada nos valores éticos e humanistas, ao mesmo tempo que garantindo o exercício com dignidade da profissão médica. A imple-



AUTONOMIA "...é necessário conferir uma maior autonomia às instituições de forma a poderem definir quer os perfis médicos de que têm maior necessidade"

mentação de medidas que contribuam para a fixação dos médicos às instituições é, pois, condição essencial para um exercício profissional mais eficaz e condigno, correspondendo às suas naturais ambições.

→ Criar um Gabinete dos Jovens Médicos, diretamente ligado ao Bastonário, para dar uma maior resposta aos naturais anseios dos médicos do futuro.

→ Criar um Gabinete de Apoio aos Médicos Aposentados, o outro extremo da pirâmide etária, tantas vezes esquecido, numa demonstração que a OM é para TODOS, dos mais novos aos mais velhos.

EM SEU ENTENDER, O QUE PODE A ORDEM DOS MÉDICOS FAZER PELA SAÚDE DOS AÇORIANOS E COMO SE POSICIONA FACE À RECUSA DOS MÉDICOS, SOBRETUDO DO HOSPITAL DE PONTA DELGADA (HDES), EM FAZER HORAS EXTRAORDINÁRIAS, PONDO EM CAUSA A ASSISTÊNCIA AOS DOENTES?

A OM deve ser o garante das boas práticas médicas em qualquer ponto do país onde se exerça medicina, quer em ambiente público, privado ou social. Nesse sentido, é fundamental garantir que os médicos

exerçam a sua atividade de acordo com o que é hoje considerado adequado em termos das suas condições de trabalho, incluindo, por exemplo, o número de horas de trabalho contínuo a que estão sujeitos, a fim de garantir, acima de tudo, a segurança dos doentes. Havendo escassez de recursos humanos, regra geral, por falta de investimento e planeamento, é natural que seja difícil responder de forma adequada às necessidades. O que é claro é que os médicos têm dado muito mais do que têm recebido, geralmente sem grande reconhecimento por parte da tutela. A falta é, pois, de quem não tem conseguido colmatar as necessidades em termos de saúde, nomeadamente de recursos humanos, e não dos médicos que têm ultrapassado em muito o que lhes é exigido.

PARECE SER DIFÍCIL CATIVAR MÉDICOS PARA SE FIXAREM E TRABALHAREM ENTRE NÓS, SENDO O PROBLEMA AINDA MAIS GRAVE NAS ILHAS DE MENOR DIMENSÃO. TEM IDEIAS QUE POSSAM AJUDAR A RESOLVER ESTE PROBLEMA?

É claro que se se quiser resolver os problemas de saúde em Portugal

tem de encarar muito seriamente o problema, sem preconceitos ideológicos, com pragmatismo e coragem política, no sentido de se fazer uma reforma profunda do nosso sistema, investindo fortemente no mesmo. No fundo, é investir no bem mais precioso que como humanos temos, ou seja a nossa Saúde. Se se investe tanto em áreas acessórias como os bancos, companhias de aviação, etc, por que não, finalmente, investir no que nos é mais querido enquanto comunidade?

Defendo que é necessário conferir uma maior autonomia às instituições de forma a poderem definir quer os perfis médicos de que têm maior necessidade, quer os pacotes de contratação que possam incluir um conjunto de incentivos que ajudem a fixar os médicos. Isto tem sido feito em vários países, sendo Portugal um dos poucos países europeus em que não se tem apostado de forma significativa na fixação dos médicos numa instituição. Temos de caminhar para um sistema que garanta a equidade, o que só é possível dando ferramentas às instituições que lhes permitam adaptar-se às suas circunstâncias particulares.

